

HISTÓRIAS DA TETÉ: A NARRATIVA /LITERÁRIA INFANTIL DE PEDRO WAYNE

Cristina Maria Rosa¹

1. Introdução

Na primeira metade do Século XX houve uma coincidente posição – de parte de alguns ficcionistas gaúchos – de livros para a alfabetização de crianças: uma cartilha, dois abecedários e um livro de literatura. Produções dos escritores João Simões Lopes Neto (1865-1916), Pedro Wayne (1904-1951), Erico Verissimo (1905-1975) e Mario Quintana (1906-1994), são diferentes quanto ao formato, linguagem e metodologia, mas tem em comum o desejo de inserir crianças no mundo da leitura. No artigo trato especialmente de *Histórias da Teté*, manuscrito em três tomos elaborado pelo baiano Pedro Wayne que se tornou poeta e romancista no Rio Grande do Sul.

2. Metodologia de Pesquisa

Interessada em conhecer qual a contribuição que o manuscrito *Histórias de Teté* poderia oferecer aos estudos da História da Cultura Escrita e, especialmente, quais as relações entre a obra e a emergente literatura para crianças produzida no Brasil à época, o estudo abarcou a constituição de Wayne como poeta e romancista, sua obra em prosa e verso e a trilogia escrita para inserir a filha no mundo da leitura.

Fontes orais² e documentais³ produziram pistas sobre o contexto no qual Pedro estava inserido ao escrever “Histórias de Teté”. Através de entrevistas com familiares e amigos e leitura, transcrição e fotografia de parte do espólio tombado, tive acesso a um importante e

1 Doutora em Educação com Pós-Doutorado em Estudos Literários, Cristina é Pedagoga e trabalha na área da literatura para crianças na Faculdade de Educação da UFPel. Contato: cris@ufpel.tche.br

2 Especialmente a viúva Dina (1908-2010), a filha Ester (1936) e o amigo Poty Reis (1929-2009).

3 Publicações de Wayne, um manuscrito de seu pai e duas biografias escritas pelo filho Ernesto.

inédito material de pesquisa que indicaram como Pedro Wayne se tornou herdeiro e também legou aos seus uma interessante relação com o mundo da escrita narrativa e poética. Comum a muitos pesquisadores que buscam reconstruir histórias de vida e trajetórias intelectuais, o maior lamento foi defrontar-me com o “esfacelamento” do acervo de Pedro Wayne e a quase inexistência de fortuna crítica.

3. A fonte e os paradigmas históricos

Histórias da Teté é um original legado do escritor Pedro Wayne à história da Cultura Escrita do Rio Grande do Sul. Merece distinções historiográficas, literárias e pedagógicas. Manuscrito e ilustrado em três tomos, ficou entre os guardados da família por aproximadamente 70 anos. O objetivo de Wayne ao escrevê-lo foi inserir a filha caçula no mundo da leitura. Sua narrativa original “mescla elementos das cartilhas com características da literatura infantil, tais como enredo e personagens” de acordo com Zilberman (2009).

Poeta e romancista, Pedro Wayne (1904-1951) manuscreeu Histórias da Teté em um tempo em que cartilhas adaptadas⁴ ou traduzidas⁵ e também livros de leitura⁶ eram usuais. O manuscrito caracteriza-se como uma narrativa literária infantil cujos personagens são letras do alfabeto – como o Senhor A e a Dona B – apresentados ao leitor em ordem alfabética.

Ao observar os paradigmas históricos com os quais o texto se relaciona⁷, e considerando as observações de Zilberman (2009), fica

4 Destinadas a ensinar a ler e escrever a crianças entre seis e dez anos, nas primeiras três décadas do século XX a cartilha de maior uso, no Rio Grande do Sul foi a Cartilha Maternal Arte da Leitura, conhecida como “método João de Deus”.

5 A cartilha Queres Ler? – adaptada da original Quieres Leer? por Olga Gayer e Branca de Souza – foi aprovada, em 1924, pela “Comissão de Exame de Obras Pedagógicas” com o argumento de que promoveria a “excellencia de um processo de leitura” (CASAES in: GAYER e SOUZA, 1935).

6 Entre os livros de leitura – que se propunham a ensinar conteúdos escolares aos que já sabiam ler – o mais utilizado foi a “Seleta em Prosa e Verso”, de Alfredo Clemente Pinto. Com sua primeira edição em 1883, ainda em 1946 era encontrada em escolas públicas e educandários e, em suas páginas, os “melhores autores brasileiros e portugueses”.

7 A historiografia indica como uma das ações do Ministério da Educação do Governo Vargas a preocupação com livros que ensinassem às crianças o civismo, a higiene, os bons hábitos e, claro, a alfabetização.

explícito que, no período, as “questões sobre alfabetização e letramento não eram discutidas, e nem mesmo a literatura infantil, no Rio Grande do Sul, oferecia exemplos de criatividade e renovação”. Para a pesquisadora, “mesmo no plano nacional, nossa produção para crianças restringia-se a poucos nomes e, se entre eles refulgia o de Monteiro Lobato, não significa que esse grande artista contasse com a companhia numerosa de outros escritores”.

Diante do rol de impressos pertencentes à cultura escrita e destinados a sua aquisição no tempo em que *Histórias da Teté* foi produzido, é possível afirmar que o manuscrito cumpriu um desejo pessoal do escritor de oferecer à filha um material diferenciado, um presente literário e pedagógico que, atualmente, pode ser considerado mais amplamente.

3.1 - O contexto Gaúcho

Nas épocas em que “Histórias de Teté” foi elaborado, não havia profusão de livros de literatura para crianças e isso não apenas no Rio Grande do Sul⁸. Além disso, toda a produção era destinada ao leitor jovem, “entre doze e os dezessete anos, aproximadamente, quer pela extensão das narrativas, quer pelo conteúdo temático desenvolvido” (MARCHI, 2000, p. 55), o que pode ser atribuído ao tardio início da atividade de leitura entre o público infantil⁹.

Nas escolas, após a reforma iniciada com a Revolução de 30 e a criação do Ministério de Educação, deu-se nova regulamentação do ensino primário e secundário¹⁰. O “livro de leitura” deveria conter, se-

Desse modo, abecedários, cartilhas, manuais foram demandados às Editoras e aos autores reconhecidos e nem tanto. A festa das letras, de Meireles é produto dessa demanda e, possivelmente, Aventuras no mundo da higiene, de Verissimo, também.

8 No Rio Grande do Sul, é apenas a partir de 1922 que a organização do que viria a ser a Editora Globo pode oferecer suporte aos escritores que anteriormente precisavam deslocar-se para a região centro-sul do país (MARCHI, 2000).

9 Se considerar-se que os métodos de ensino da leitura empregados à época tinham como foco a decodificação, seria esperado que o aprendiz atingisse a condição leitora apenas após três ou quatro anos de escolaridade, o que concorre para a proposição de livros para a faixa etária a partir desse patamar.

10 Em junho de 1931, o ministro expediu os “programas do curso fundamental do ensino secundário”, fixando os objetivos e os conteúdos para a matéria agora denominada Português (Brasil, 1931). A meta

gundo essa reforma, conteúdo de leitura orientada em dois sentidos: “um, que interesse mais às meninas, e o outro, aos rapazes” (ZILBERMAN, 1996).

Segundo Lajolo e Zilberman (1999) “o crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros”. O movimento realizado por Lobato, desde os anos 20, produziu um impacto interessante tanto entre autores como no mercado editorial¹¹, alimentado pela “consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país” além do “aumento da escolaridade dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 47).

Na maioria das escolas públicas o livro de leitura mais utilizado ainda era a Cartilha ou Manual de Leitura, e livros como “Narizinho Arrebitado” de Lobato, eram dedicados a crianças leitoras. Para Lajolo e Zilberman (1999) “é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil”. As autoras localizam esse fenômeno no momento em que a escolaridade passa a ter uma importância grande, uma vez que a sociedade estava se urbanizando. Neste contexto, coube à escola a “iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários, inclusive à produção de bens culturais” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999, p. 25).

Embora até meados do século XX o Brasil tenha sido “um país marcado pela oralidade e pelo analfabetismo” (GALVÃO, 2007, p. 11),

principal desta cadeira é “proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como à sua educação literária” (ZILBERMAN, 1996).

11 Editoras como Monteiro Lobato e CIA, Companhia Editora Nacional, Brasiliense, Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Melhoramentos, Editora do Brasil são algumas das novas que surgem no período 1910-1940 e, todas, abrem portas para a literatura infantil (LAJOLO & ZILBERMAN, 1999).

na casa de Pedro Wayne todos eram alfabetizados e leitores e havia um movimento de relação profundamente significativa com a leitura: Pedro escrevia em seu escritório, um lugar com ares de sagrado, correspondia-se com importantes escritores brasileiros, providenciava recursos para que as crianças lessem os últimos lançamentos e colecionassem obras além de se relacionar com intelectuais e artistas em Bagé.

Em estudos sobre as formas de inserção e participação nas culturas do escrito e sobre a transmissão da herança cultural é bastante freqüente o reconhecimento de que há um trabalho sistemático realizado ao mesmo tempo por quem “transmite” e por quem “herda” (GALVÃO, 2007, p. 15), o que poderia levar a supor que Wayne tenha, sistematicamente e através do manuscrito *Histórias da Teté*, intencionado alfabetizar a filha caçula.

4. *Histórias da Teté* e suas relações com a cultura escrita

Três dimensões constituem, preponderantemente, a historiografia a respeito da cultura escrita no Brasil: a escolarização como o processo por excelência de entrada nessa cultura; a produção e difusão do impresso como principais evidências de usos da escrita e as taxas de alfabetização como o indicador privilegiado da existência de usuários da língua escrita, de acordo com Galvão (2007, p. 9-10). Há também estudos que objetivam incluir, na historiografia, os modos de inserção não escolares, o manuscrito – caso de *Histórias da Teté* de Pedro Wayne – e a oralidade.

Entre o espólio de Wayne encontram-se alguns indícios de que Pedro pensava sobre o ler e o ensinar a ler e a obra que criou para a filha. A trilogia manuscrita e ilustrada, representa a materialização de um conceito de livro de leitura para a primeira infância. Inovador para a época, *Histórias da Teté* anuncia a possibilidade de, ao pensar na infância como uma idade em que há pensamento, o escritor cria mais que um manual para aprender a ler.

Observado após o longo intervalo de tempo em que ficou guardado, mantém suas qualidades literárias e pedagógicas. Desse modo, merece ser incluído nos registros historiográficos por sua existência (foi preservado) e autoria (um escritor com obra conhecida), por seu enredo (é uma história para crianças) e linguagem (registro de uma época), por seus conceitos (adoção, velhice, infância), literalidade e objetivos alcançados.

4.1 - O Manuscrito

Narrativa original, que mescla elementos das cartilhas com características da literatura infantil, *Histórias da Teté* situa-se na interface que há entre as clássicas cartilhas, os livros de leitura e de literatura. Composto de três tomos nomeados *Histórias da Teté*, *Outras Histórias da Teté* e *Continuam as Histórias da Teté*, os manuscritos originais estão em bom estado e são legíveis. Para o estudo e transcrição foi utilizada uma cópia dos originais que a família disponibilizou; ao mencionar o texto, mantive a grafia e a pontuação utilizadas pelo autor¹².

O manuscrito eventualmente ilustrado pelo autor, não foi assinado por Pedro Wayne¹³. Possui em média 13 linhas manuscritas a cada página que não possuem linhas tracejadas, margens definidas nem paginação. O miolo é unido à capa com um cordão de algodão passado entre perfurações no papel e posteriormente amarrado.

Observando o manuscrito original pode-se perceber que o projeto de Wayne produziu uma peculiar concepção de infância, de alfabetização, ilustração e leitura, uma raridade para a época. Além disso, oferece uma concepção de editoração: os três livros foram nomeados, encadernados e ilustrados pelo escritor. Esses elementos – o papel da capa, as ilustrações, a costura à mão, o cordão que une as

12 A primeira edição de *Histórias da Teté* foi realizada sob o selo do IHGRGS em 2009, com o ISBN 978-85-62943-03-4, possui 134 páginas, apresentação de Sérgio Alves Teixeira, prefácio de Cristina Maria Rosa e pós-fácio de Ester Wayne Nogueira.

13 Wayne, diferentemente de outras produções suas, não assinou *Histórias da Teté*. Na capa do primeiro tomo, no entanto, escreveu: “*Histórias da Teté. Contadas pelo seu pae*”. Essa informação após o título é a única indicação de autoria.

páginas – indicam o caráter perfeccionista de Wayne que, aos moldes dos primeiros estudantes europeus que não dispunham da imprensa para seus cadernos de textos (GATTI JR, 2005, p.381), se tornava um editor e um gráfico.

Histórias da Teté diferencia-se das demais cartilhas, abecedários e silabários que circulavam na primeira metade do século XX. Sem intenção de que se tornasse escolar, a proposta do autor foi plenamente realizada: inserir a filha no mundo da leitura. Desse modo, a escrita de “Histórias da Teté” pode ser considerada a materialização de um conceito que estava sendo “inventado”: o livro de literatura para crianças.

Metodologicamente apresenta as letras do Alfabeto como personagens, em ordem e cumulativamente. Mais explicitamente, a “metodologia de ensino” empregada é representada pela retomada constante dessa ordem com o intuito claro de que o leitor a memorize, indicando que o autor desejava imprimir ao livro um caráter pedagógico. O fragmento abaixo ilustra os argumentos elencados:

“Então a estrelinha disse que se chamava D. O senhor A e a senhora B sentindo falta do menino C, se levantaram e ficaram admirados ao vêr a estrelinha D, ali junto A B C D, naquela noite nem pensaram mais em dormir” (WAYNE, s/d, 1º Tomo).

No entanto, pela complexidade do enredo, pelo volume da obra, uso de conceitos e vocabulário rico, é possível afirmar que “Histórias de Teté” é mais que um livro de leitura no sentido escolar, se aproximando bastante de um livro de literatura.

5. Concluindo

A importância do estudo, transcrição e análise da única obra para crianças de Pedro Wayne – *Histórias da Teté* – para a história da cultura escrita não pode ser ignorada. Considerada sob diferentes as-

pectos, entre eles o surgimento da literatura para crianças no Brasil, a relação com a história dos métodos de leitura e alfabetização, o conteúdo linguístico e fantástico e a invenção de uma infância, entre outros, pode-se concluir que a narrativa de Wayne é inovadora, peculiar e de excelente qualidade.

Pela sua proposta de alfabetização literária, pode ser considerada a primeira e talvez mais importante obra gaúcha para crianças com caráter pedagógico e literário, muito além de proposições como *Artinha de Leitura* de João Simões Lopes Neto (1907), *Meu ABC* de Erico Verissimo (1936) e o *Batalhão das Letras*, de Mario Quintana (1948), todas com o mesmo objetivo: inserir crianças no mundo da leitura.

Apesar da metodologia centrada na memorização do abecedário, comum em impressos similares à época, Pedro Wayne conta uma história, tem um público definido e cativo, apresenta personagens fantásticos e verossímeis, encanta e ensina. Seus elementos fonológicos, léxicos, gramaticais, sociolinguísticos e retóricos, além do bom humor e irreverência demandam uma leitura cuidadosa, respeitosa e, mais que isso, reconhecida.

De acordo com Zilberman (2009), *Histórias da Teté* pode ser considerado um texto “inteiramente revolucionário que, passados quase setenta anos de sua elaboração, mostra-se ainda novo e inovador, como se tivesse vindo à luz há muito pouco tempo”.

Referências:

FILIPOUSKI, Ana Mariza & ZILBERMAN, Regina. Érico Verissimo e a Literatura Infantil. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1982.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Cultura Escrita: Séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. A Formação da Leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira. São Paulo: Ática, 1999.

MARCHI, Diana Maria. A Literatura Infantil Gaúcha: uma história possível. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

NOGUEIRA, Ester Wayne. Entrevista. Bagé, 11 de novembro de 2007; 10 de maio de 2008 e 22 de maio de 2008.

ROSA, Cristina Maria. Um alfabeto à Parte: Biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o Pedro Wayne. Pelotas: EGUFPel, 2009.

WAYNE, Leopoldina Almeida Calo. Entrevista. Bagé, 11 de novembro de 2007, 19 de abril de 2008 e 28 de março de 2008.

WAYNE, Pedro. Monteiro Lobato. (Diário de publicações de Pedro Wayne, Páginas 197 a 199, Bagé, Casa de Cultura Pedro Wayne). Bagé: Correio do Sul, 1948.

WAYNE, Pedro. Almas Penadas. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

WAYNE, Pedro. Continuum as Histórias da Teté. Manuscrito. Bagé, s/d.

WAYNE, Pedro. Dina. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1935.

WAYNE, Pedro. Histórias da Teté. Manuscrito. Bagé, s/d.

WAYNE, Pedro. Impressões sobre um livro. Revista do Globo (Ano IV, nº 21, outubro de 1932). Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo S.A., 1932.

WAYNE, Pedro. Outras Histórias da Teté. Manuscrito. Bagé, s/d.

ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Gaúcha: temas e figuras da ficção e da

poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. No começo, a leitura. (Em Aberto, ano 16, n.69, jan./mar). Brasília: Em Aberto, 1996.